Nas bancas

AVC na infância compromete evolução cognitiva, diz estudo

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

Fotos: Antoninho Perri/Divulgação

A pedagoga Sonia das Dores Rodrigues atende criança no HC: habilidades básicas e memória de curto prazo são afetadas com AVC

Estudo desenvolvido na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) detectou comprometimento na aprendizagem de crianças acometidas por acidente vascular cerebral (AVC). Em avaliação realizada pela pedagoga Sonia das Dores Rodrigues com 35 crianças atendidas no Laboratório de Pesquisa em Doença Cerebrovascular da Infância e Adolescência do Hospital das Clínicas, constatou-se prejuízo neste grupo de crianças em todas as provas e testes utilizados. Seis destas crianças, inclusive, apresentaram grave comprometimento intelectual e não responderam a nenhum tipo de teste cognitivo.

"Até o final da década passada a idéia passada pela literatura era que o AVC na faixa etária pediátrica teria bom prognóstico. Estudos mais recentes, no entanto, vêm demonstrando que a evolução cognitiva da criança pode ser afetada pelo insulto cerebrovascular. Analisando-se os resultados do grupo, verificamos que, independentemente do tipo de AVC, houve prejuízo do desenvolvimento cognitivo, da memória de curto prazo e das habilidades básicas de escrita, leitura e aritmética", explica Sônia.

A tese de doutorado, defendida na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) e orientada pela professora Sylvia Maria Ciasca, aponta para a importância do rápido encaminhamento dessas crianças para avaliação e reabilitação cognitiva. A defasagem no processo de aprendizagem, segundo Sonia, não é contemplada na avaliação geral do paciente pediátrico que teve AVC. Em geral, apenas a recuperação motora e a linguagem são privilegiadas, possivelmente porque os sinais são mais evidentes.

O estudo, neste sentido, procura chamar a atenção para o aspecto preventivo, já que muitas vezes a defasagem na aprendizagem só será identificada quando a criança iniciar o processo de alfabetização. "Quanto mais precoce for o diagnóstico da defasagem cognitiva e da intervenção psicopedagógica, mais chances a criança terá de eliminar, ou ao menos minimizar, os efeitos decorrentes da dificuldade no processo de aprendizagem", esclarece a pedagoga.

O AVC na infância é tido como doença rara, se comparada à incidência nos adultos. A taxa é de aproximadamente 1,29 a 3 casos por 100 mil crianças por ano, enquanto entre adultos é de 3 a cada 10 mil habitantes/ano. A pesquisa desenvolvida por Sonia Rodrigues só foi possível graças ao trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em AVC na Infância e Adolescência, coordenado pela professora Maria Valeriana Leme Moura Ribeiro. O grupo atende crianças com diagnóstico de doença cerebrovascular a partir de um enfoque multidisciplinar. A equipe é composta por neurologistas, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, psicólogo e pedagogo.

A bióloga Divina Vilhalva, autora da dissertação: planta (destaque) com potencial para fitorremediação

Planta do cerrado absorve metal nocivo ao meio ambiente

Pesquisa de doutorado desenvolvida no Instituto de Biologia (IB) identificou uma planta nativa do cerrado brasileiro que absorve o cádmio e que se mostrou promissora para absorção de outros tipos de metais pesados. Trata-se da *Galianthe grandifolia* - Rubiaceae, uma herbácea da família do café, encontrada de forma abundante em áreas de cerrado do Estado de São Paulo, mais precisamente na cidade de Itirapina. Sua importância reside, justamente, na descoberta de uma planta naturalmente presente em solo brasileiro que tenha potencial para fitorremediação – nome dado ao processo de descontaminar o solo com a utilização de plantas.

Em geral, explica a bióloga Divina Aparecida Anunciação Vilhalva, as espécies utilizadas são aquelas provenientes de clima temperado. "Não havia conhecimento de plantas nativas que tivessem poder de absorção como a que encontramos", esclarece. Neste sentido, os processos de fitorremediação atuais são realizados com plantas geneticamente modificadas oriundas de outros países.

Divina destaca ainda que, pelos testes feitos em laboratório, esta Rubiaceae pode ser considerada uma planta hiperacumuladora de cádmio, pois se mostrou altamente potente. Apenas duas plantas, no mundo, utilizadas para fitorremediação são consideradas nesta categoria. Segundo os resultados, a Rubiaceae conseguiu absorver, na parte área, 120 miligramas de cádmio por quilograma e, na área subterrânea – que corresponde ao xilopódio (estrutura rígida que compõe o sistema subterrâneo) – o total acumulado foi de 300 miligramas do metal por quilograma de matéria seca. Para efeito de comparação, uma das plantas consideradas hiperacumuladora, a *Thlaspi caerulescens*, consegue acumular 175 miligramas por quilograma de matéria seca da parte aérea.

O estudo desenvolvido por Divina Vilhalva foi orientado pelo professor Angelo Luiz Cortelazzo e encontrou espaço para as descobertas a partir da dissertação de mestrado, também apresentada no IB, cujo foco foram análises da morfo-anatomia de plantas do cerrado. A idéia de utilizar o cádmio como objeto de estudo também teve uma justificativa. Encontrado em lixões, gerado por baterias de celular, pilhas ou na forma de resíduos de indústrias de tecido e plástico, o cádmio é um dos metais mais nocivos na contaminação do ambiente. Por isso, o interesse em encontrar formas alternativas e viáveis para a remediação dos solos.

Estudos com esse enfoque são pouco conhecidos no Brasil, onde a contaminação do solo e a existência de áreas degradadas pelo excesso de metais são cada vez mais numerosas. A próxima etapa do trabalho, de acordo com a pesquisadora, é fazer os testes em áreas contaminadas com metais pesados. "Um trabalho deste tipo poderia responder questões importantes quanto ao manejo destas plantas em solos contaminados, contribuindo para o processo de fitorremediação como um todo", declara. **(R.C.S.)**

Pesquisa revela barreiras de artista com deficiência

Os artistas com deficiência física e mental ainda esbarram em muitas dificuldades para se desenvolverem na carreira artística. A exemplo de outras áreas, eles encontram seu espaço em grupos restritos de atuação, cujo foco é a inclusão social desta população e a militância por acesso aos direitos. Esta conclusão faz parte da pesquisa de mestrado de Nicole Somera, orientada pela professora Lucia Helena Reily e apresentada no Instituto de Artes (IA). Ela entrevistou lideranças e integrantes de oito grupos das áreas de música, artes plásticas, dança e teatro para investigar as interações do artista com deficiência no campo artístico. Trata-se do primeiro trabalho acadêmico que lança um olhar sobre a arte e deficiência, com foco no artista.

Nicole Somera: maioria teve formação acadêmica precária

Os grupos entrevistados foram a "Associação dos Pintores com a Boca e com os Pés" e "Artes Táteis", dedicados à escultura e pintura, respectivamente. No campo da dança, os grupos foram "Corpo em Movimento" (cadeirantes) e "Associação de Balé e Artes para Cegos Fernanda Bianchini". A "Companhia de Arte Intrusa", de Campinas, e "Companhia Mix Menestréis", de São Paulo, são grupos entrevistados dedicados ao teatro. Na música, as "Ceguinhas de Campina Grande" e "Surdodum", de Brasília, também fizeram parte da pesquisa.

"Num primeiro momento quis saber se a formação artística acadêmica contribuía para legitimação destas pessoas como artistas", explica Nicole. A questão, no entanto, acabou enveredando para outra perspectiva ao constatar que grande parte dos entrevistados não possuía um curso técnico ou faculdade específica em arte. A maioria, segundo o estudo, teve uma formação precária do ponto de vista acadêmico. "Faltam condições e oportunidades para o desenvolvimento artístico, bem como acesso ao consumo de bem cultural ou o trânsito em ambientes artísticos de sua área", explica.

No levantamento de informações, Nicole identificou que o grupo no qual os artistas estão inseridos constitui o único espaço de oportunidades mais amplas e aonde torna a arte acessível. "Fora deste espaço, as dificuldades são inúmeras, levando inclusive à falta de perspectiva de se ampliar a formação acadêmica", destaca.

Uma questão que confirmou a tese inicial de Nicole foi o fato de a maioria das lideranças desses grupos serem pessoas sem nenhum tipo de deficiência. "As pessoas com deficiência recebem uma formação menos qualificada, coisa que não acontece, normalmente, com os líderes que têm uma formação melhor", explica.

Segundo Nicole, os mais qualificados estão nas lideranças, e são pessoas sem deficiência porque não encontram, no seu caminho de formação e qualificação, os entraves impostos à deficiência. A inclusão social, nos grupos, se sobrepõe à questão artística. Estas pessoas e seus grupos, de acordo com Nicole, circulam no ambiente da inclusão da pessoa com deficiência pela arte.

"Trata-se de um circuito restrito que legitima seus membros através de mecanismos próprios, como concursos de arte para pessoas com deficiência, espaços exclusivos de apresentação ou temáticas artísticas com o intuito de ressaltar o tema da inclusão social destes indivíduos". **(R.C.S.)**